

HOUSEMAN, Michael e SEVERI, Carlo. 1994. *Naven ou le Donner à Voir. Essai d'Interprétation de l'Action Rituelle*. Paris: CNRS-Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme. 224 pp.

Gustavo Blázquez

Mestrando, PPGAS-MN-UFRJ

O texto apresentado por Houseman e Severi propõe mais que uma simples interpretação de um tipo particular de ritual – o *naven* – praticado por um grupo da Nova Guiné, os Iatmul, ritual no qual os homens se vestem de mulher e vice-versa.

O livro, na verdade, é uma tentativa de combinar a discussão teórica de temáticas fundamentalmente relacionadas com os rituais, a investigação empírica realizada por Gregory Bateson nos anos 30 e por integrantes do Museu Etnográfico da Basiléia a partir dos anos 70, e a problematização de questões relativas à história da antropologia.

Os autores convidam-nos a discutir e cruzar a explicação da ação ritual em geral com a análise de um tipo específico de ritual. O potencial explicativo de sua teoria do ritual é posto à prova a partir da análise do *naven*. Para realizar o que denominam um “experimentum crucis” (:13), propõem, ao longo dos oito capítulos que formam o livro, o que poderíamos considerar como uma série de cruzamentos.

O primeiro deles se estabeleceria entre Bateson e a tradição funcionalista. Formado na Inglaterra malinowskiana, Bateson escreve *Naven*, texto que se inicia com uma crítica radical do conceito de função utilizado nas ciências sociais de sua época, que confundiriam as causas do fenômeno a ser estudado com os propósitos do mesmo. Bateson realiza tal crítica, baseando-se em seus

próprios cruzamentos com a matemática, a lógica, a biologia, William Blake...

Naven é uma experiência, uma tentativa de descrever o comportamento humano mediante o reconhecimento de que o observador faz parte do próprio comportamento observado. O cruzamento entre descrição e interpretação obriga-o a realizar uma opção metodológica – descrever a sociedade a partir de *um* de seus aspectos – e uma opção teórica, extraída da biologia – a descrição dos mecanismos que operam “em um único microorganismo pode revelar mecanismos essenciais para compreender qualquer organismo” (:23).

O segundo cruzamento se daria entre Bateson e o próprio Bateson. Em sua leitura de *Naven*, os autores enfatizam as diferenças entre o Bateson da primeira edição de 1936 e o da segunda de 1958. Em 1936, Bateson mostra que um comportamento pode ser explicado de modo estrutural, funcional e *ethológico*. As normas comportamentais se diferenciavam a partir de um processo de interações, denominado cismogênese, que pode ser de tipo simétrico ou complementar. Em 1958, já estabelecido em Palo Alto, na Califórnia, e com uma teoria da comunicação já desenvolvida, aplica o conceito de cismogênese ao ritual: este é considerado, então, como um mecanismo para controlá-la. No capítulo 2, os autores apresentam uma crítica a essa tentativa de aplicar uma teoria cibernética ao ritual, proposta por Bateson e desenvolvida por Handelman.

O terceiro cruzamento aplica-se a Bateson e o Museu Etnográfico da Basiléia. A partir do capítulo 3, os autores cruzam os dados etnográficos dos anos 30 com as recentes etnografias produzidas por pesquisadores suíços.

Bateson descreve o *naven* como uma série de cruzamentos de palavras e ações entre sujeitos travestidos, que

tem lugar quando se realiza pela primeira vez uma determinada prática. Sua análise toma como elemento central a relação entre o Ego (*laua*) e seu tio materno (*wau*), que se comporta como mãe e esposa do *laua*. A partir dessa inversão, produzem-se outras, que Bateson, entretanto, não leva em consideração, e que Houseman e Severi ressaltam, como por exemplo, a da tia paterna (*yau*) que atua como pai e esposo de Ego. *Naven* expressaria, portanto, o conflito entre os sexos característico do *ethos* Iatmul. As etnografias recentes criticam esses desenvolvimentos e colocam em cena outro conjunto de cerimônias que os Iatmul também denominam *naven* e que Bateson não levou em conta. Essas novas investigações propõem considerar o ritual iatmul como uma cerimônia tipicamente feminina.

Houseman e Severi servem-se desse *corpus* etnográfico para analisar três tipos diferentes de *naven*, ou três modalidades diferentes de *naven*. Sua análise centra-se em torno de duas questões: por que ações muito diferentes são reconhecidas por seus atores como *naven*? Por que são diferenciadas de outras práticas que também incluem o travestismo? "Estas duas perguntas só admitem uma resposta. Trata-se de identificar nos dois casos um nível organizacional que, ligando as diversas ocasiões cerimoniais, defina o conjunto de traços que permitem (aos Iatmul e a nós) reconhecê-los sempre como *naven* e diferenciá-lo de outros rituais" (:170). Esse *nível organizacional* é entendido como "uma série de regularidades que o contexto impõe à ação" (:171) e pode ser buscado tanto na encenação ou, como sustentam os autores, na configuração de relações estabelecidas em torno de Ego pela própria ação ritual.

O quarto cruzamento relaciona o *naven* com a teoria da ação ritual. Hou-

seman e Severi apresentam, no capítulo 7, um conjunto de críticas às teorias do ritual, que se centram em sua função ou em seu significado, e propõem uma explicação da ação ritual centrada na identificação do *nível organizacional*. É apenas a partir deste que se poderia começar a pensar no significado e na função do ritual.

Essa teoria é cruzada com *naven*, ritual considerado desprovido de conexão com a política, a economia, o xamanismo etc. Tal afirmação nos parece um tanto arriscada se levarmos em conta que durante o ritual o Ego "escolhe" entre todos os possíveis *Wau* seu *Wau*, servindo o ritual como contexto para determinar a identificação da relação avuncular classificatória. Mais do que isso, o *laua* classificatório está destinado a ser o *wau* real dos descendentes de seu *wau* classificatório e vice-versa, dando lugar a um tipo particular de aliança. E é "a relativa pobreza do *naven* que pode nos ajudar a esclarecer as modalidades de transmissão do simbolismo ritual através da ação, encontradas em outros lugares de maneira tão mais complexa que geralmente é impossível detectá-las. *Naven* é, de fato, tanto por sua forma quanto pelos personagens que envolve, um ritual relativamente simples" (:193).

Em sua elaboração de uma explicação para o simbolismo ritual, Houseman e Severi valem-se de certos desenvolvimentos de Dan Sperber que lhes permitem estabelecer o que diferencia uma ação ritual de uma não ritual, e como se apreende uma ação ritual propriamente dita. Esta nova teoria do ritual utiliza cinco conceitos-chave: *condensação*, *forma relacional*, *estilo*, *campo relacional* e *trabalho do rito*.

A ação ritual condensa uma série de relações e oposições entre os sexos; princípios matrilineares e patrilineares; pro-

criação e ancestrais totêmicos; cópula e homicídio; pares que devem permanecer separados de acordo com o *ethos* Iatmul. Estas condensações são incluídas em uma dinâmica que os autores denominam forma relacional, que, no caso do *naven*, pode se caracterizar como a condensação dos modos contraditórios de cismogênese e dar lugar a um estilo caracterizado por um tipo de travestismo decididamente caricaturesco.

O *naven* é construído sobre a base de um campo relacional vinculado às condições que definem a procriação, de maneira tal que o trabalho do rito consiste na "colocação de um certo número de laços constitutivos da identidade em um universo de parentesco" (:206), uma abertura do *parenthood* ao *kinship*. *Naven*, que em língua Iatmul significa mostrar-se, mostraria o Ego no *parenthood* e no *kinship*.

O quinto cruzamento estabelece a relação entre Houseman e Severi, por um lado, e Bateson, por outro. Partindo do multifacetado Bateson, de alguns de seus conceitos e de seu trabalho etnográfico, os autores finalizam propondo uma nova explicação tanto do *naven* quanto da ação ritual. Bateson não aparece, entretanto, apenas como uma referência inicial. Pelo contrário, o livro resgata o *ethos* batesoniano, antifuncionalista, defensor de um trabalho teórico próximo dos dados empíricos e de um certo olhar clínico. A construção da argumentação de Houseman e Severi é fiel à idéia de entender o comportamento como uma rede de relações complexas, bem como, talvez, à mais radical das propostas de Bateson: antes de trabalhar com a função ou o significado de um ato é preciso realizar um estudo da forma das relações nele implicadas, de seu estilo.

Não obstante essas aproximações, nossos autores distanciam-se desse

ethos ao negar a possibilidade de uma síntese final caracterizada pelo equilíbrio: "O ritual é ao mesmo tempo uma manifestação do processo de reprodução social [e] um mecanismo que contribui para orientar seu desenvolvimento" (:87). Nesse sentido, a proposta de descobrir em um caso supostamente simples propriedades universais deveria ser objeto de uma análise mais detida, uma vez que aqui, acreditando apoiar-se em Bateson, nossos autores talvez estejam mais próximos de Durkheim.

Tradução de Maria Macedo Barroso

MACHADO, Maria das Dores Campos. 1996. *Carismáticos e Pentecostais: Adesão Religiosa na Esfera Familiar*. Campinas: Ed. Autores Associados/ANPOCS. 218 pp.

Clara Mafra

Doutoranda, PPGAS-MN-UFRJ

Originalmente apresentada no IUPERJ – e premiada pela ANPOCS como melhor tese de doutorado de 1995 – *Carismáticos e Pentecostais* vem a público em um momento de revitalização da produção acadêmica sobre o tema da religião. Este livro apresenta os resultados de uma pesquisa realizada com membros de diferentes igrejas pentecostais e do Movimento de Renovação Carismática Católica (MRCC), e tem como tema central a compreensão das mudanças sofridas pelos fiéis dessas igrejas a partir da sua adesão religiosa, e os efeitos, às vezes inesperados, dessas mudanças sobre a vida pública. Todo um conjunto de questões diretamente vinculadas à definição dos papéis de gênero e aos arranjos familiares é abordado e desenvolvido com precisão e ori-